

## O Brasil sumarizado nos ensaios da coleção brasileira

Vladimir Bahia Chaves

O tema proposto insere-se na linha de culturas políticas por tratar da complexa imbricação entre intelectuais e Estado através da análise de obras integrantes da sub-série “Ensaio” da Coleção Brasileira, editada pela Companhia Editora Nacional entre 1931 e 1941. Tal objetivo se coaduna com a análise de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinados grupos humanos, que expressam identidades coletivas e fornecem leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro<sup>1</sup>, prática primeira do estudo das culturas políticas.

Trata-se de analisar a influência dos ensaístas da sub-série escolhida na tarefa de delinear os aspectos estruturantes da nação, identificando interesses e estratégias relativas à configuração do meio intelectual e a relação das mesmas com a concepção de história difundida pelas ditas obras.

O recorte temporal aqui adotado - 1931/1941 - diz respeito ao período abarcado pelas publicações editadas pela Companhia Editora Nacional através da Coleção Brasileira, mais especificamente sua sub-série “Ensaio”.

Nosso recorte se insere, essencialmente, em um ‘contexto editorial’. A Coleção Brasileira foi a quinta e última série integrante de um audacioso projeto denominado ‘Biblioteca Pedagógica Nacional’. As outras séries eram: Literatura Infantil; Livros Didáticos; Atualidades Pedagógicas e Iniciação Científica, todas editadas pela Companhia Editora Nacional.

Fundada por Octales Marcondes e dirigida por Fernando de Azevedo, a Biblioteca Pedagógica Nacional teve início em 1931. Configurando-se como a mais complexa série de publicações integrantes dessa iniciativa editorial, a Coleção Brasileira visava à produção de um conhecimento sistemático sobre o Brasil e, para a conclusão de tal feito, buscava na obra de eminentes intelectuais da época as análises e discussões acerca dos pilares constitutivos da nação. Por se tratar de uma relação

---

<sup>1</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia*. In.: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *Culturas Políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p.21.

totalizante com o conhecimento, a coleção se constituiu bastante extensa, com ramificações contemplando as devidas especificidades de cada assunto, sendo assim designadas como sub-séries. Segundo Hallewel, a Brasileira foi a mais importante dessas séries, atestando sua posição através de posições como a do jornal O Estado de São Paulo (de 1973), que diz: “a coleção Brasileira é até hoje o mais completo repositório de informação sobre o Brasil, suas origens, sua formação sua vida em todos os campos”<sup>2</sup>. O autor ainda aponta para o fato de que a publicação rendia prestígio para a Companhia Editora Nacional, pois a inclusão de um trabalho nela o colocava no patamar dos mais lidos e vendidos.

A sub-série “ensaios” foi escolhida em virtude de ser um lugar de discussão dos diversos aspectos de nossa sociedade. Perceber a importância da coleção para o seu tempo faz-nos pensar sobre o grande alcance da publicação e sua influência, inclusive nas decisões políticas e representações identitárias. Compêndio que sistematizaria o Brasil, a coleção se concretiza pela alegoria da biblioteca, em seus moldes clássicos, como a de Alexandria<sup>3</sup>, pelo rigor e busca da universalidade.

O período aqui focado foi marcado pela íntima relação entre intelectuais e poder político, contato esse que é trabalhado nas obras de Sérgio Miceli e Daniel Pécault. De acordo com o primeiro, a política de Getúlio se diferencia porque define e constitui o domínio da cultura como um negócio oficial, implicando um orçamento próprio, a criação de uma *intelligentsia* e a intervenção em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico<sup>4</sup>.

Os livros são fontes privilegiadas para se entender a construção das representações coletivas. A construção e constituição da memória histórica são fatores essenciais para se compreender a formação de uma cultura, como ela atualiza sua relação com o passado e delimita seu horizonte de expectativa. Tratando-se da época aqui estudada, acreditamos que a memória histórica é fragmentada em diferentes tipos de culturas políticas que emergem da efervescência cultural que marca os anos 30-40 no

---

<sup>2</sup> HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: Edusp, 1985. pg 301.

<sup>3</sup> CÂNFORA, Luciano. *As bibliotecas antigas e a história dos textos*. In.: BARATIN, Marc; JACOB, Chirstian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000, p.234-245.

<sup>4</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difusel, 1979.

Brasil<sup>5</sup>. Em se tratando de um período de crise identitária, de conflitos pela memória e pela configuração de um novo ser nacional, e justamente por se constituírem em meio a tal fragmentação coletiva, acredita-se que os ensaios não teriam como característica uma unidade/identidade, o que não quer dizer que um discurso histórico não tenha se sobreposto aos outros. Mas, o fato de algumas análises se colocarem como historicamente mais fortes não significa que diversos tipos de discursos de sentido histórico não tenham coexistido.

O gênero ensaístico traz em si todas as marcas de seu contexto de emergência, assumindo, nesse sentido, contornos particulares no ambiente intelectual do Brasil durante as primeiras décadas do século XX. É complicada a definição do gênero pelo seu tipo discursivo, sendo mais profícua a análise sobre a função que ele exerce, seu espaço de circulação expressado pelo seu lugar de enunciação. Segundo Fernando Nicolazzi:

“Nem situado, nem nomeado, cabe indagar qual sua posição na organização dos saberes, já que, como salienta Macé, a história do gênero é paralela àquela da especialização dos discursos disciplinares”. “[...]uma relação entre escrita e pensamento ali se enceta de uma maneira própria ao regime de inteligibilidade histórica que é aquele do século XIX; ela oferece ao gênero do ensaio uma função que é talvez a única a assumir: a de constituição de cenários convincentes de representação de uma cultura por ela mesma [...].

Mais do que uma mera descrição do real, a qual pressuporia um discurso marcado pela transparência, o ensaio se coloca como argumento sobre o real, denotando a opacidade que caracteriza a presença ostensiva do autor na escrita, além da própria mediação que a linguagem ela mesma acarreta<sup>6</sup>.”

Os ensaios veiculados na Coleção Brasileira tiveram diversos pontos de contato com a ideologia difundida pelo regime varguista, e mesmo podendo ser caracterizada por veicular uma produção alinhada com as propostas do governo, possuía independência em seu projeto, elaborado por um intelectual atuante na área da pedagogia. Os estudos compartilhavam certos interesses com o Estado, o que pode sugerir uma possível maior aceitação e divulgação midiática. A imbricação entre

---

<sup>5</sup> Sobre a originalidade política e intelectual do período ver: BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema – intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

<sup>6</sup> NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação da UFRG, 2008, p 311.

intelectuais colaboradores da coleção e o poder estatal existe, mas, não chega a conferir uma continuidade discursiva entre as publicações e o projeto varguista.

Fica óbvio que a rede de afinidades que compreende esses atores perpassa a alta hierarquia do Estado, mas sem subjugação ou, em outras palavras, sem oficialidade, como no caso da revista “cultura política”<sup>7</sup>. Nesse sentido, o lugar desses escritos é em essência estratégico e não institucional.

A partir das obras estudadas, acreditamos ser possível perceber como e quão descontínuos são os diversos passados almejados por um presente notadamente heterogêneo e em crise identitária. As obras, a nosso ver, evidenciam essa descontinuidade na medida em que, de uma forma ou de outra, procuram narrar reinterpretações acerca da “formação do Brasil”, além dos caminhos prováveis e obstáculos a serem transpostos para efetivar o trânsito ao estatuto de sociedade moderna.

Os volumes analisados serão: “Os males do presente e as esperanças do futuro” de A.C. Tavares Bastos; “Ensaio Brasileiro” de E. Roquette Pinto e “Conceito de civilização brasileira” de Afonso Arinos de Melo Franco. As edições das obras pela Companhia Editora Nacional têm datas próximas, sendo a de Afonso Arinos de 1936, a de Tavares Bastos de 1939 e a de Roquette Pinto de 1941.

Aureliano Cândido Tavares Bastos, político alagoano influente<sup>8</sup> da segunda metade do século XIX, em seu “panfleto” intitulado “Os males do presente e as esperanças do futuro” reconhece a escravidão como o grande mal que assola o cenário nacional daquela época. A solução encontrada pelo autor é a lenta e gradual substituição do braço escravo pelo braço livre, sendo este o do imigrante. Um dos principais esteios do abolicionismo no Brasil, o parlamentar foi quem preparou o decreto de 5 de novembro de 1866, emancipando os escravos da nação. O publicista acreditava, assim como Roquette Pinto, que a desorganização do país se dava pela precariedade da educação e pelo descomprometimento com o que é público. A harmonia com o pensamento do médico-antropólogo vai além ao percebermos a naturalidade com que Tavares Bastos encarava a miscigenação, sempre exaltando seu lado positivo. Mas, em

---

<sup>7</sup> Sobre a relação da revista com o DIP ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. Uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1982. p. 71-108

<sup>8</sup> Apesar de não ter exercido grandes cargos, só ocupou, de 1861 a 1868, a cadeira de deputado geral pela província de Alagoas, Tavares Bastos foi respeitado e reconhecido por terem sido suas idéias de vanguarda política.

contrapartida com todas essas afinidades estavam os projetos de facilitação de entrada de estrangeiros, veementemente criticados pelo eugenista.

A escravidão é o entrave para a modernização já que repele o imigrante, pois “o trabalho livre não procurará o Brasil espontaneamente antes da emancipação trabalhista”<sup>9</sup>. Nesse sentido, Tavares Bastos percebe o escravo como um atraso por sua falta de capacitação, mas é incisivo ao delegar o problema à falta de uma política de educação pública.

Edgard Roquette Pinto, em sua seleção de artigos reunidos na obra “Ensaio brasileiro”, é outro defensor ferrenho da miscigenação. Logo no início da obra, o autor pontua que a gênese da nacionalidade acontece no âmbito social e não biológico. Rememorando Alberto Torres, Roquette Pinto cita: “A nacionalidade é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um espírito, sobre a saúde de uma economia”<sup>10</sup>. Quanto ao déficit organizacional da sociedade, Roquette Pinto faz severas críticas à antropologia literária que, com seus oportunistas tentavam criar no Brasil uma disputa de raças, explorando os preconceitos presentes na comunidade:

*“(...) Roquette-Pinto aponta para a existência de desigualdades entre as raças humanas que lhes seriam inerentes. No raciocínio há a convivência de uma lógica que enfatiza as desigualdades com outra que nega a possibilidade de estabelecer hierarquizações, o que se expressa na ambigüidade da expressão "desigualdade no mesmo nível". “Se, (...) distanciou-se de uma antropologia que operava dupla e concomitantemente no sentido de diferenciar e hierarquizar as raças humanas, Roquette-Pinto não chega, contudo, a propor uma completa desvinculação entre orgânico/racial e mental/social, que veio a se tornar a posição predominante na reflexão antropológica algumas décadas depois”.*<sup>11</sup>

No final do século XIX e início do XX coexistiram duas vertentes médico-antropológicas que geraram explicações divergentes no que tange à questão racial no Brasil. A primeira, expressada pela figura de Nina Rodrigues, optava por uma visão negativa quanto à composição e conseqüências do cruzamento. A segunda, que tinha como seu expoente Roquette Pinto, descartava o fatalismo racial, desmistificando a

---

<sup>9</sup> BASTOS, A. C. Tavares; AZEVEDO, Fernando de. Os males do presente e as esperanças do futuro: (estudos brasileiros). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, p. 39.

<sup>10</sup> ROQUETE-PINTO, E; AZEVEDO, Fernando de. Ensaio brasileiro. Ed. il. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1941]. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a, Brasileira; v.190) p. 64.

<sup>11</sup> SANTOS, R. V. A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século xx: Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional. In. Scielo, p.12.

inferioridade orgânica e exaltando a conjuntural, relacionada a fatores sócio-culturais. “*O cruzamento não é fator de degeneração. Tomem os sociólogos nota dessa contribuição da biologia*”<sup>12</sup>. Para Roquette Pinto, os estadistas do fim do império e do início da república deixaram de agir em prol da nação pela crença na determinação da raça como enfermidade social, aprovando leis monstruosas como as do próprio Tavares Bastos no que tange à imigração. De acordo com o antropólogo os problemas do Brasil se resolvem com os braços que aqui estão.

Afonso Arinos de Mello Franco, um dos mais importantes juristas do Brasil, tem suas impressões sobre a civilização editadas nos ensaios sob a forma de “O conceito de civilização brasileira”, obra da juventude do autor, posteriormente considerada infantil pelo mesmo, mas que tinha a pretensão de “conceituar” de forma severa o que a maioria percebia como um emaranhado de acontecimentos e possibilidades, a saber, a sociedade brasileira do início do século XX.

Arinos inicia sua obra descrevendo o Brasil como paradoxal, ou seja, como um mundo de oposições extremas tanto sociais como culturais, onde conquistas das civilizações evoluídas coabitam com elementos primitivos do processo histórico. Para concretizar tal análise, o autor separa a sociedade em um grupo mestiço, de descendência afro-índia e um grupo branco, de descendência européia. Não só por suas inclinações metodológicas, mas também pela tradição de sua família, a escolha de Arinos pelo segundo grupo como opção para gerir a política e traçar os rumos do país era óbvia. As características deficitárias da gestão pública sempre são diretamente relacionadas à herança indo-africana, uma vez que essa obstacularizava a prosperidade e a racionalização estatal. Com perspicácia, o autor infere sobre traços da população que podem ser claramente atribuídos à herança catastrófica, como, por exemplo, a superstição, ou como bem definiu José Carlos Reis<sup>13</sup>, o predomínio de forças pré-lógicas no comportamento social. Outro aspecto seria a ostentação exacerbada, fenômeno cultural que reverbera numa política de obras públicas em que o monumentalismo se sobressai ao pragmatismo das construções. E, finalmente, mas não menos importante, o irracionalismo político, que advém de uma falta de experiência

---

<sup>12</sup> ROQUETE-PINTO, E; AZEVEDO, Fernando de. Ensaio brasileiro. Ed. il. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1941]. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a, Brasileira; v.190) p. 181.

<sup>13</sup> REIS, J. C. As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?, p. 109.

com a coisa pública e acarreta uma série de falhas de administração como o ordenamento jurídico caótico, além de uma resistência à burocracia.

Já num primeiro momento, podemos identificar o que para os olhos de leitores descuidados se trataria apenas de uma curiosidade, mas, na verdade, é uma prática editorial carregada de intenções. A obra de Tavares Bastos foi publicada originalmente em 1861, diferentemente das outras que têm seus originais na década de 1930 e, no entanto, estão selecionadas num mesmo grupo, uma vez que, como já frisamos, estamos trabalhando em um “contexto de edição”, delineado pela Coleção Brasileira.

No prefácio à obra de Tavares Bastos há diversas indicações dos motivos que justificariam a publicação de um autor tão recuado no tempo. Assim, é ressaltado:

“Nesse já vigoroso estudo em que, com tão lúcida visão dos problemas nacionais, analisa o autor os vícios da época para desvendar os horizontes do futuro e propor os remédios que julgava adequados à situação, encontram-se em esboço quase todas as idéias pelas quais esse “profeta do liberalismo” haveria de tresdobrar a sua atividade, na tribuna do parlamento, nas colunas da imprensa e nas páginas do livro.”<sup>14</sup>

A importância do autor em elevadas instâncias de poder se somaria a argúcia em sumarizar os problemas e apontar soluções para um futuro que era o da época de publicação da Coleção Brasileira, as décadas de 1930 e 1940, segundo mostra o prefácio. O mesmo prefácio vai além nas qualificações do autor:

“Escritores de renome, entre vivos e mortos, já lhe acentuaram, sob vários prismas e em diversas épocas, a alta benemerência patriótica e a decisiva atuação na história política de nosso país. Sem esquecer expressões muito significativas com que se referiram, por vezes, à personalidade política e às obras de Tavares Bastos grandes vultos da nossa história e das nossas letras, como Ruy Barbosa, Sylvio Romero, José Veríssimo, Barão do Rio Branco, Clóvis Bevilacqua, Felisbello Freire, Aureliano Leal, Euclides da Cunha, Rodrigo Octavio, Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Alfredo Pujole outros.”<sup>15</sup>

Analisando essa seleção até certo ponto arbitrária, percebemos que as idéias liberais de um estadista da monarquia podem, em alguns momentos, estar consonantes com as de pensadores do início do século XX, mas é preciso grande cautela na reflexão

---

<sup>14</sup> BASTOS, A. C. Tavares; AZEVEDO, Fernando de. Os males do presente e as esperanças do futuro: (estudos brasileiros). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a., Brasileira ;v. 151) pp.9-10.

<sup>15</sup> BASTOS, A. C. Tavares; AZEVEDO, Fernando de. Os males do presente e as esperanças do futuro: (estudos brasileiros). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a., Brasileira ;v. 151) pp.9-10.

sobre as afinidades desses autores. Nossa proposta, para além da mera análise de textos, é a análise do objeto editorial em sua materialidade, como obra e como parte de uma coleção. Pretendemos focar as intervenções dos editores e os *protocolos de leitura*<sup>16</sup>: prefácio, título, formato, rodapé, ilustrações, bibliografias, dentre muitos outros. A riqueza de tal análise está em compreender o texto para além dele, na tentativa do estabelecimento dos nexos dentro da sub-série e, conseqüentemente, da Coleção Brasileira.

---

**Bibliografia:**

BASTOS, A. C. Tavares; AZEVEDO, Fernando de. Os males do presente e as esperanças do futuro: (estudos brasileiros). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a.,Brasília ;v. 151)

BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema – intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 268 p

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CHUVA, Márcia. *Fundando a Nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. Topoi, v.4, n. 7, jul-dez 2003.

DARNTON, Robert. *O iluminismo como negócio: história da publicação da 'Enciclopédia' 1775-1800*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional*. I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Fundação Casa de Rui Barbosa, novembro de 2004. Disponível no site [www.fcrb.gov.br](http://www.fcrb.gov.br)

DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política : Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. 621p

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

---

<sup>16</sup> Segundo Chartier, “*mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro*”. O mesmo autor adverte, no entanto, que a leitura é fluida e incerta, possibilitando sempre situações originais. Ver: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2º Ed., 1998,p.8.



---

FRANCO, Afonso Arinos de Melo; AZEVEDO, Fernando de. *Conceito de civilização brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a. Brasileira; v. 70).

GOMES, Ângela M de Castro. *História e historiadores – A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. Política: História, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 9, n 17, 1996.

GOMES, Ângela M de Castro; OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Estado Novo – Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: FGV, 1982.

GURZA LAVALLE, Adrián. *Vida pública e identidade nacional: leituras brasileiras*. São Paulo: Globo, 2004.

HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: Edusp, 1985.

HOBBSAWM, E. J. (Eric J.) *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 230p.

LUCA, Tania de. República Velha: Temas, interpretações, abordagens. In: SILVA, Fernando Teixeira da; NAXARA, Márcia R. Capelari; CAMILOTTI, Virginia C. *República, liberalismo, cidadania*. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2003.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difusel, 1979.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1990.

PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil – De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*, p. 109.

\_\_\_\_\_. *História e Teoria - Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RÉMOND, René (ORG). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondônia: antropologia-ethnographia*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

ROQUETTE-PINTO, E; AZEVEDO, Fernando de. *Ensaio brasileiro*. Ed. il. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1941]. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a. Brasileira; v.190).

SANTOS, R. V. *A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século xx: Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional*. In: Scielo

---

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

\_\_\_\_\_. *Roteiro bibliográfico do pensamento social brasileiro (1870-1965)*/ Wanderley Guilherme dos Santos.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2000.

SOIHET, Rachel; BICALHO, M<sup>a</sup> Fernanda B.; GOUVÊA, M<sup>a</sup> de Fátima S (org.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad: 2005